

# O MEIRINHO.

## JORNAL CRITICO E LITTERARIO.

ANNO XI

NUMERO 292

Domingo | *Publica-se uma vez por semana e subscreve-se nesta* | SERIE  
24 | *Typ. a 1\$000 réis por uma serie de 4 numeros* | 64.<sup>o</sup>



### LITTERATURA.

Fortaleza, 24 de Junho de 1883.

#### A RAINHA DA FESTA

À \*

Eu vi-a, como era bella !  
Encantos mil ella tinha !  
Com sua roupa singella,  
Era da festa a rainha !

Trazia sobre os cabellos  
Uma formosa florinha ! ...  
Ai, eu bradava baixinho:  
Ella é da festa a rainha.

Se o olhar tão scintilante ! ...  
Não sei que tristeza tinha :  
Se o sorriso apaixonado  
Dava-lhe um ar de rainha !

Multas vezes... bem pertinho,  
Por mim passava tão bella !  
Era da festa a rainha ;  
Com sua roupa singella.

Uma vez... em a fietando...  
Ella corou... o que tinha ! ?.  
— Talvez sentisse a su'alma  
Enlaçada com a minha !

Ella dançava... na dança...  
Pisava qual andorinha ;  
Quando eu ria... ella corava ! ..  
Quando eu fugia, ella vinha.

Depois fugi de seos olhos ;  
Mais deixei a alma minha  
No lugar abençoado,  
Onde ella valsado tinha !

Arronches -- 83.

Virgilio.

#### SERENADA.

(MODINHA.)

Meia noite ! Talvezinda durmas

Entre as gazes do leito rozado,  
Talvez sonhes sorrindo p'ra os anjos,  
Sem ouvir meu cantar magoado.

All! Não durmas assim embalaada  
Pelos hymnos das harpas do céu !  
— Quem na vida amar como eu amo,  
Deve à noite vellar como eu !

Deixa o leito ! Vem ver como a tua  
Inda morna dos seios do mar,  
Para a terra deixata um sorriso  
E p'r'as novens desprende um olhar !

Vem, mulher, oh ! vizão que idolatre,  
Um momento sentar-te ao meu lado;  
Vem, que quero no mar de teo balito  
Afogar o meu triste passado.

Meia noite ! Talvezinda durmas  
Entre as gazes do leito rozado,  
Talvez sonhes sorrindo p'ra os anjos,  
Sem ouvir meu cantar magoado.

17 — 6 — 83.

Epigastro.

#### ALBUM DA CRITICA.

##### MOTTE.

Fui p'ra Ronche a pé de gallo  
Voltei a pé espalhado.

##### GLOZA.

N'uma bestinha de tallo  
A seo Libera alugada  
Nesta semana passada  
— Fui p'ra Ronche a pé de gallo.  
Caramba ! Senti abalo,  
Fiquei mesmo esbrugelhado !  
Diabo ! ... Não fui talhado  
P'ra cavalgar fabianas ...  
Passei lá duas semanas  
— Voltei de pé espalhado.

Lafite.

## §

*Sortes distribuidas pelo impagavel Sa-pégado, em caza do illustrado don-  
ctor Xiquinho Thomaz.*

Mestre juiz do direito

Serás, de Lima Barboza :

Arranjarás... muito geito...

Certa couza bem rauçoza !

E os cobres d'um Barão

Vão para a lua ! Esta é boa ! ..

E depois... p're, ram, p'ram, pão !

Nunca mais volve a canoa !

Serás um J. Domingues.

Um Quincas bom ; meus mao;

Mes falcidades não pingues

No democrata Plão ! ..

Hás de ser sempre um Girard —

Marioheiro cavalozzo,

Que vive no Ceará ,

Porco, safado e cebozo !

Capitão baixo do Porto

Serás, em quanto viveres :

De todos, terás aborto ,

Do governo dos baveres.

Serás um Mer... pedante ,

Typo mais ruim , que já vi ,

Que viverá do restante

Do buxo de seo Lacy.

Serás do Onze Corneta

E darás notas de pulos !

Bazio parece ! Ora peta ! ..

Dos laes que chamam cangulós !

Charo Estaca de Vazante ,

De Vazante forte Estaca ,

Tú serás, tolo pedante ,

Tú serás, oh ! couza vacca !

Serás maior cachaceiro

D'esta terra, meo suão :

Depois o velho negreiro

De ti fará escripto.

Serás gerente pichote

Na companhia — Carril :

Terás muito cheio o pote ,

De calumnia , couza vil.

Serás Fialho — o cabrocha

Que uza oc'los de burro ,

Que da mente nunca afroicha

Da brutalidade o murro.

Serás velhaco assignante ,

Mestre cavallo — Lulú ;

Para chamar-se tratante

Si pede licença a tú .

Moça, irás para o Passeio

Derreter-se com rapaz ,  
E do povo bem no melo  
Darás um cravo ao leo Braz.

Serás besta , tolo Souza ,  
Da calumnia filho amado ,  
Alma negra , aonde pouza  
Mais nogento predicado.

Irás toda á noite a praia  
Charo amigo , gordo moço ;  
Mas não si metta na lala  
Das fortunas ! .. Largue o osso ! ..

Serás um Luiz Coelho ,  
Profago mesmo de chapa ,  
Traste vaco , vil , besbelho  
De serlo terás a capa.

Serás o seo Theotonio  
Do Meirinho redactor ;  
E , por arte do demônio ,  
Não tem a alguém — amor.

## SEÇÃO ESPECIAL.

Faça alto lá , seo poeta Murinelly : que  
bagacada , ou cosseira é esta na boca do  
estomago de seo ardente craneo ?

Tem fogo , nos dé uma braza.

Ficamos acreditando ser vossa mercê  
um mesmo inteiro poeta , sem faltar nem  
uma meia solla , depois que nos entreguemos  
à pachorra de ler aquella sua choca  
*Murinellada* , que por muito favor e por  
deus gordos carneiros (cobres) teve um  
cantinho na inferior secção da *Gazeta do  
Norte*.

E quem te metteu isso na cabeça , ra-  
paizinho ?

Que comichão de versos é esta que es-  
tampaste sob o N.º 445 , na secção —  
*Tribuna do Povo* no jornal *Libertador* ?

Encoste e os lêia de novo :

Leitores , muito serios ! .. ouça o po-  
eta :

Scena :

*Silencio ! como a França na igualdade  
Marchemos nós na mais sublime idéa !  
A liberdade a redempção do escravo  
Este ponto celeste de epopéa.*

Até aqui nos deixou lambendo os bei-  
ços. Vamos adiante.

Dá-lhe ; talento.

*E que este quadro de perenes glórias  
Também mostra ardente evolução  
Descobre-se o futuro entre as estrelas !  
Gritam sempre o escravo é nosso irmão !*

*Quem é que gritaram ou grita poeta?  
V. inda mesmo morando nas pralhas, não  
sente cala-frios na consciência?*

*N'esta senda de luz e de mil flores  
Quem é que no caminho ha de cançar?*

*Bravos do passaro Camellião!!! Adiante,  
rapaz.*

*Ninguem que o futuro traz a força  
Para a nobre idéa o povo libertar!*

*Pobre grammatica.*

*Isto é gracinha; não é poeteiro? Luchando!*

*Salve o Ceará porque primeiro  
Recebeste as palmas do futuro as mãos!  
Que gritaste ao Brazil e ao mundo in-*  
*(teiro):—  
Os Cearenses todos são irmãos!*

Fortaleza, 11 de Junho de 1883.

A. V. Murinelly.

Eis a questão do poeteiro, leitores:  
Ele só queria, depois de tanto cacetejar  
o papel, dizer que os Cearenses todos são  
irmãos; embora, porém, deixasse o Ceará  
gritando pela metrificação enquanto a  
sua imensa pena dava botes na pobre  
grammatica!

Oh! cebocio malvado e vendelhão de  
cynismo! até fiado!

Bosnoite, seo homem!...

†

### A Zé Lambanceiro do Patrocínio.

(Imitação)

*Salve enlourado tribuno  
Das turbas agitador!*

A. Bezerra.

*Salve?! rediculó tribuno  
Dos magarefes primor!  
Salve?! panthera ferina  
Inimigo do labor!  
Desde a senzalla a latrina,  
Desde o hotel a vitrina.  
Tú furtas, furtas de mais;  
Roubas ao pobre captivo  
O seo pão do linitivo,  
Fera, irmã dos chacaes.*

*Ergue esta cara maldita,  
Misquinho bajulador,  
Que aos negreiros te abraças,  
Sem decoro, nem pudor.  
Tens em tua alma a fereza  
Que te acompanha e a vileza  
Do seo genio libertino;  
Tú tens matéria fecal*

Neste teo crânio fatal  
Desnorteado, sem tino.

Avante, trouça do povo,  
Couza sem brio e sem luxo!  
A inveja que te alimenta  
Tem te equalado ao lapuz.  
O seculo é grande na luta,  
Esquece tua alma polluta,  
Asno, tacanho, malsim!—  
Quem farta andrajos ao pobre  
E propala uma acção nobre  
É cão, é lepra, é Caim.

Ainda bem que por terra  
O povo te vê rolar,  
Capanga de vis negreiros  
A quem queres te equalar.  
O livro, a essencia do povo  
Só te cauza tanto nojo  
Porque esclarece a razão;  
Entretanto a humanidade  
Que distribue caridade,  
Te cobre de maldição.

Já te acobarda o desprezo  
Que te lançamos, servil;  
Aqui na patria de heroes  
O menor não é tão vil.  
Passou felizmente a era  
Que com cara de panthera  
Procurou-nos esmagar;  
Onde um tyranno apparece  
A liberdade recresce  
P'ra te fazer recuar.

O povo que é soberano  
Ergueo-se um dia e bradou:  
*Vade retro, satanaz,*  
Ninguém aqui te chamou!  
Corrêa a canna nas taças,  
N'adega soltas chalassas  
Para illudir a innocencia;  
Aos hymnos da liberdade  
Todos gritam: igualdade!..  
Fora, tú, oh! pestilencia.

Qu'importa que te conjurem  
Calceta de negra cór,  
Se tudo que tens nest'alma  
São podridões, sem valor!  
Caracter baixo te ageita  
A logo trazer grilbeta  
Que é este o teo braço;  
Tartufo roto, sudeiro  
E desfarçado negreiro  
Qu'abraças a escravidão.

Prosegue na rapinagem  
Salafrario, inditozo;  
Roubas a Cruz do Calvario.  
A redemptiva do povo.  
Odeias o nobre heroísmo

Que combate o escravagismo  
Dos grandes desta nação.  
Vê que o povo Fluminense  
E Família CEARENSE  
Te qualifica : *LADRÃO*.

Salva?! ridículo tribuno  
De carácter transgressor !  
Salve?! panthera ferina,  
Inimigo do labor !  
Desde a senzala a latrina,  
Desde o hotel a vitrina  
Tú furtas, furtas de mais;  
Roubas ao pobre captivo  
O seo pão do linitivo,  
Fera, irmã dos chacaes.

Junho — 83.

Trez Lyras.

†

*O Athleta.* — Com este título, acaba de aliar-se as fileiras do jornalismo Batuense, mais um denodado batalhador do Progresso e da Liberdade.

Comprimentamos o collega, assim como também agradecemos a sua prompta remessa.

†

*O Seculo.* — É mais um suspiro do Immortal Obreiro GUTTEMBERG, que acaba de surgir n'esta capital.

Promete grandiloco desenvolvimento na vereda immensa dos campões da Liberdade.

Feliz itinerario.

Agradecemos a remessa.

†

*Trez Lyras.* — Fomos achariado com um exemplar de poesia sob este epitheto, e que sinceramente agradecemos.

A. Beserra, Justiniano de Serpa e A. Martins, verdadeiros progenitores d'esta sublime obra, não, de certo, deixará de ser elle, geralmente apreciada, e de um lugar ocupar no immenso pantheon da Litteratura, tendo por sentinelas a harmonia poetica e por ambiente o céo auriculado da Liberdade.

†

O mestre Mané Coco, com a facilidade com que faz, um mao concerto num relógio e um *rendez-vus* no bond com suas celeberrimas *meichedeiras*, engolia os sanctos cobres da moçica de polícia, estes confiados a sua pessoa pelo — Benficiente Caixeiro! — às despezas dos festeiros da graciosa atriz Marieta.

Procedimento ignoto este, é desconhecido por pessoas, que, no seio da seria sociedade, desejam um ponto, embora porém extravagante, tomar.

Pague a quem deve, e, depois nos diga si é ou não *Mané* —

Coco.

## A PEDIDO.

Proezas de um Bacho

ou

mestre Joan Coëlio

por

M. Nabuco.

O genio pestilencial que de seo lar torna o horríbilante covil, onde pobresinhas creanças, mesmas do sexo masculino, mergulhar a escura onda da desmoralização, perfumando o ambiente de seo lar illuditorio pelo miasma da cobardia, faz, sem mais preambulo, e tor ali a apresentação de uma rasteira scena haristophanes.

Como si torna acoolidado o victimo, cedendo que o lobo falçario e ardiloso o conduza ao psicôd audaz da vergonha e da miseria!

O *bacho*, como a pratica tem mais sobrepujada na batalha do copo, não teme que seja visivel pelos juizos retos as suas negentas proezas; e estamos acientificado d'isto; visto como o havemos encontrado, às horas mortas da noite, representando o commando geral dos batalhadores da canna, tam-se horrorosamente abraçado a esta e fugindo de dar-se por conhecido de seus compenheiros.

Depois de servir-se, ou servir ás creanças, tenta desmoralizar a cidadão que apreciam os seus actos pestilentes, o que lh'o resulta uma chuva de palavrões, estas que assanham o ninho de vermes que dormitam no profundo de sua infame consciencia.

Acorda, o miserio bacho, das somnolencias bibridas da alcoholização, e imensamente arrepiado, diz ser consul e mais alguma cousa!

O commercio que responde aos feitos de sua possante vida perante a sociedade e a escurreguição do mercado.

Continua.